

APRESENTAÇÃO DESTE NÚMERO

O número 21 da Revista Espaço Plural é dedicado à História das Mulheres e das Relações de Gênero. Nele, diferentes discussões historiográficas buscam dar um panorama do que se tem pesquisado neste campo.

No Brasil, a historiografia acadêmica passou a dar atenção à história das mulheres a partir dos anos oitenta, com o livro, considerado fundador do campo, publicado por Maria Odila Leite da Silva Dias em 1984, “Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX”¹. O foco nas relações de gênero, entretanto, pode ser observado somente nos anos noventa, depois da publicação, na Revista Educação e Realidade, da tradução de um artigo da historiadora norte americana Joan Scott: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.² Evidentemente, outras autoras já estavam discutindo gênero. Esta novidade já fazia parte dos debates, em âmbito internacional. Na pesquisa histórica, entretanto, esta categoria encontrou mais resistência. Dentro das Ciências Humanas foi, certamente, uma das últimas a incorporar-se à discussão. Mesmo assim, o campo vem crescendo, ao lado da História das Mulheres, a historiografia que usa a categoria gênero tem apresentado pesquisas inovadoras, das quais várias estão sendo expostas neste número da Revista Espaço Plural.

Por ser um número completo, dedicado à pesquisa em História das Mulheres e das Relações de Gênero, divide-se em várias seções. Na dedicada a traduções, apresentamos três artigos. O primeiro deles é um artigo de Pilar Dominguez Prats, escrito originalmente em espanhol e traduzido para este número, intitulado “Mulheres espanholas no exílio mexicano”.³ Através da história oral e do uso de outras fontes, como prontuários e boletins informativos, a autora aborda o exílio, no México, de mulheres espanholas que deixaram a Espanha durante e após a guerra civil daquele país (1936-1939), até a década de 1970. Embora, em suas análises, a autora priorize o estudo sobre a condição feminina nesse período no México, a discussão sobre gênero permeia toda sua discussão, ao abordar desde os trabalhos realizados por homens e mulheres até as atividades políticas por elas e eles exercidas. Aponta, ainda, para uma importante discussão metodológica: a necessidade de abordar o exílio e a emigração (econômica) a partir de uma perspectiva global, tendo em vista a existência de situações e problemas que são comuns aos dois fenômenos.

Questionando as identidades sexuais com um texto ousado e fascinante, Gabrielle Houbre, professora da Paris V, apresenta também um texto escrito em francês feito especialmente para a revista Espaço Plural, intitulado “Um sexo impensável: A identificação dos hermafroditas, na França do século XIX”. Nele, discute a polêmica que o sujeito hemafródita suscita acerca da identidade sexual, ao transgredir as fronteiras entre masculino e feminino, entre o “normal” e o “anormal”, entre realidade e aparência. Através da análise do discurso médico e das fotografias, usadas por eles, a autora analisa como o saber médico do século XIX, na França, ao deparar com indivíduos hemafróditas, estabeleceu que este era “um fato científico e um organismo danificado”, negando, a todos esses sujeitos, o direito de exercerem suas liberdades individuais. Delegaram para as ciências médicas as decisões sobre os seus corpos, tentando enquadrá-los em um único sexo: no masculino ou no feminino.

Fechando a seção de artigos escritos originalmente em língua estrangeira, traduzidos para este número, temos o artigo de Françoise Thébaud “Políticas de gênero nas ciências humanas: o exemplo da disciplina histórica na França”⁴. Através de uma abordagem cronológica, ela analisa teoricamente a importância da disciplina História, por muito tempo considerada masculina, bem como as transformações, provocadas pelo movimento feminista, no interior da própria disciplina. Destaca a

¹DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

²SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990.

³Este artigo foi apresentado inicialmente como palestra no Encontro Regional de História da ANPUH de Santa Catarina, em Criciúma - 2008.

⁴Este artigo foi publicado em francês no livro DUCHÊNE, Alexandre & MOÏSE, Claudine (sous la direction de) “*Langage, genre et sexualité*”, Montreal: Editions Nota Bene, 2009.

feminização, tanto dos saberes quanto de quem a produz. Analisa, ainda, os crescentes avanços de uma história de gênero na França.

Quatro artigos têm uma temática em comum e formam o dossiê “Gênero, feminismos e ditaduras”. São resultados de um grande projeto coordenado pelas Professoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff, na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina⁵, agregando trabalhos de pós-doutorado, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso. Os quatro artigos que compõem o dossiê são de pessoas que integram esta equipe de pesquisa.

Abrem o dossiê as autoras Karina Janz Woitowicz e Joana Maria Pedro, com o artigo “O movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: Conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo”, no qual analisam os processos de organização e luta protagonizados pelo movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985) e no Chile (1973-1990). O foco central de suas análises é observar como as mulheres conjugaram a resistência política ao regime militar com reivindicações do campo da sexualidade, como contracepção e aborto, bem como a luta pela democracia e pela igualdade de gênero. Fazem uso da história comparativa e, como fonte principal, a mídia alternativa, com destaque para jornais produzidos pelo movimento feminista.

As análises feitas por Rosimeri Moreira e Cristina Woff Scheibe no artigo “A ditadura militar e a face maternal da repressão”, focalizam questões de gênero relacionadas à entrada de mulheres nas Polícias Militares de São Paulo e Paraná, frente às práticas repressivas adotadas pela Ditadura Militar Brasileira. Através do uso de fontes como recortes de jornais, revistas e fotografias existentes na Biblioteca e Museu da Polícia Militar de São Paulo, bem como de entrevistas; destacam que o reforço de gênero, na construção da imagem da policial militar, fez parte das práticas repressivas duplamente: ao se contrapor/sobrepôr e impor às mulheres policiais a contenção de si, com base num ideal de feminino, e, principalmente, pela utilização dessa imagem pelas corporações policiais na construção de uma auto-imagem humanitária no contexto ditatorial.

Mariana Joffily, no artigo “A diferença na igualdade: gênero e repressão política nas ditaduras militares do Brasil e da Argentina”, levanta alguns pontos de discussão a respeito do modo como a repressão política atingiu mulheres e homens durante as ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e na Argentina (1976-1983), dentro de uma perspectiva comparativa. As fontes utilizadas para essa análise são os relatórios de justiça e verdade denominados Nunca más, publicados na Argentina em 1984 e no Brasil em 1985.

Através da análise de narrativas orais, Ana Rita Fonteles Duarte propõe reflexões acerca da utilização de jogos de gênero por militantes do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), no Ceará, como forma de ação política. As análises presentes no artigo “Jogos de gênero nas memórias de militantes pela anistia”, de acordo com a autora, visam a ajudar a desconstruir estereótipos sobre movimentos políticos capitaneados por mulheres, quase sempre tratados de forma homogênea e superficial.

Na seção de artigos, aparecem 5 textos de autoras brasileiras. Abrindo esta seção, temos a discussão sobre uma produção cinematográfica francesa, feita pelas autoras Ivonete Pereira e Mara Rubia Sant'anna em “Masculin Fèminin”, sob as lentes de Clio”. Neste artigo, analisam, através do filme “Masculin Féminin”, produzido e dirigido por Jean-Luc Godard, em 1966, a intrincada capacidade que a linguagem cinematográfica contém em si de construir e desconstruir discursos e de sublinhar modelos comportamentais. O principal foco de análise é a discussão na qual as concepções de gênero, defendidas por diferentes autores, cruzam-se a partir da narrativa do filme, sem perder de vista

⁵Tratam-se de dois projetos com temática comum: “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)” coordenado pela Profa. Dra. Joana Maria Pedro, com recursos do CNPq e o projeto “Relações de gênero na luta da esquerda armada: Uma perspectiva comparativa entre os países do Cone Sul. 1960-1979” coordenado pela Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff, financiado pelo CNPq. Estes projetos são desenvolvidos no LEGH – Laboratório de Estudos de Gênero e História – <http://www.legh.cfh.ufsc.br/>

que “Masculin Féminin” é mostrado como um diálogo com os jovens, homens e mulheres dos anos 1960 que se defrontavam com um mundo em ebulição, no qual identidades femininas e masculinas eram contestadas, revisitadas e questionadas, e cujas respostas pontuais estavam longe de serem oferecidas.

Discutindo, ainda, as identidades de gênero, Carlos Eduardo França e Lidia Vianna Possas, em “As múltiplas significações de gênero: reflexões a partir da violência e da exacerbação de masculinidade de um grupo de skinhead paulista”, utilizando como fonte documental os fanzines, folhetins escritos pelos skinheads, o processo crime, jornais, o inquérito policial e entrevistas, propõem a compreensão e desconstrução das noções de gênero que determinam a construção de sujeitos tipificados como homens e mulheres, a partir de circunstâncias violentas que geram conflitos e questionam o estereótipo de masculinidade. Tal proposta tem por base o estudo das experiências de “garotas” em um dos grupos de skinheads paulistas, observando como são construídas as identificações femininas em um espaço de exacerbação masculina, e de que maneira e com que discursos sustentam a sua existência como membros e participantes dessa agremiação.

Igualmente analisando a presença de mulheres no espaço público, usando como fontes documentos de caráter comercial e um conjunto de leis, Mário Martins Viana Júnior e Eurípedes Antônio Funes, em “Borrando limites de gênero: mulheres negociantes no processo de expansão da cidade de Fortaleza (1920/ 30)”, analisam a inserção das mulheres no incipiente comércio de imóveis da cidade de Fortaleza nas décadas de 1920 e 30, com o objetivo de perceberem como suas atuações propiciaram mudanças no âmbito das relações de gênero. Assim, mulheres negociantes de imóveis que tiveram importante participação no processo de expansão urbana pelo qual a cidade de Fortaleza passou no início do século XX, sobretudo nas décadas de 1920 e 30, são os alvos principais das reflexões feitas pelos autores.

Outra discussão sobre identidades femininas e identidades masculinas é trazida por Tatiane dos Santos Duarte e Caetana Maria Damasceno no artigo “Etnografia sobre rituais de politização pentecostal e valores de gênero em um município da Baixada Fluminense/RJ”. As autoras, através de seus diários de campo, sugerem uma análise das “performances” de algumas mulheres envolvidas no trânsito entre religião evangélica e política local, em um município da Baixada Fluminense/RJ. Em suas análises, argumentam que, através da desnaturalização da dicotomia simplista entre público versus privado, é possível repensar as abordagens analíticas sobre as relações de gênero, ao sugerirem que não há uma universalidade das concepções identitárias de mulheres e homens.

A história da família, focalizada através da prática memorialista das mulheres, é o tema de Mariana Muaze, no artigo “Verso e Reverso da memória: impressões sobre a família oitocentista a partir das cartas e fotografias da viscondessa de Ubá”. Usando fotografias, cartas e outros documentos guardados cuidadosamente pela viscondessa de Ubá, a autora consegue perceber os arranjos familiares, os negócios, as maneiras de manter o poder, além das transformações nos comportamentos esperados de homens e mulheres das famílias de prestígio.

Fechando este número da Revista Espaço Plural dedicado à História das Mulheres e das Relações de Gênero, temos, ainda, a resenha de Lorena Zomer, do livro de Michelle Perrot⁶ “Minha história das mulheres” publicado pela Editora Contexto em São Paulo, no ano de 2007. Não poderia ser diferente: a “grande mestra da História das Mulheres”, Michelle Perrot, influenciou inúmeras pessoas que têm se dedicado à pesquisa histórica e representa na França – e pode-se dizer, no Ocidente –, a “fundação” de um campo de pesquisa que tem se desdobrado nas discussões de gênero e deixado um rastro inovador no campo historiográfico.

Joana Maria Pedro e Ivonete Pereira
Novembro de 2009

⁶PEDRO, Joana Maria . Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis SC, v. 11, n. 2/2003, p.509-512, 2003.